



AMAZÔNIA SOB A PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE NA OBRA POÉTICA *AMAZONAS PÁTRIA DA ÁGUA*

MORALES, Ingrid Karina (UFAM)¹

BEZERRA, Cássia Maria (UFAM)²

RESUMO: Neste trabalho se analisa a abordagem à Amazônia na produção *Amazonas Pátria da Água* do poeta Thiago de Mello, através do prisma da complexidade moriniana. Escolheu-se uma fundamentação teórica no paradigma complexo de Edgar Morin, na *Teoria Estética* de Theodor Adorno, assim como no “Direito à Literatura” de Antonio Candido. Fazendo-se a leitura do texto poético, para além do poema em consonância com a teoria da complexidade. Portanto, com base no tripé: prosa poética, saberes transdisciplinares e complexidade se reflete sobre a sociedade amazônica considerando a função da literatura como produtora, gestora e agente de conhecimento, humanização e denúncia.

PALAVRAS-CHAVE: *Amazonas Pátria da Água*; Paradigma complexo; Literatura e sociedade da Amazônia.

RESUMEN: En este trabajo se analiza el abordaje a la Amazonia en la producción *Amazonas Pátria da Água* del poeta Thiago de Mello, a través del prisma de la complejidad moriniana. Se escogió una fundamentación teórica en el paradigma complejo de Edgar Morin, en la *Teoría Estética* de Theodor Adorno, así como en el “Derecho a la Literatura” de Antonio Candido. Haciéndose la lectura del texto poético, más allá del poema en consonancia con la teoría de la complejidad. Por lo tanto, con base en el trípode: prosa poética, saberes transdisciplinares y complejidad se reflexiona sobre la sociedad amazónica considerando la función de la literatura como productora, gestora y agente de conocimiento, humanización y denuncia.

PALABRAS CLAVE: *Amazonas Pátria da Água*; Paradigma complejo; Literatura y sociedad de la Amazonía.

INTRODUÇÃO

A problemática sociocultural e ambiental da Amazônia é um tema constante

à produção poética de Thiago de Mello³. O discurso em defesa da valorização cultural é, na verdade, o discurso em defesa da própria vida. Interagir com a tradição é interagir consigo próprio. Nesta perspectiva, enquanto o homem comum vive o cotidiano e percebe uma ou outra relação com o espaço, o poeta se reconhece axiologicamente e converte sua percepção em poesia. Ou seja, se há formas que o homem comum acarícia simplesmente, há símbolos a que o poeta dá profundidade e que oferece, em troca, poeticidade, sensibilidade, intimidade. Na filosofia de Bachelard (2000), tem-se a evidência de que o poeta, ao estar potencialmente solitário, é levado a acolher-se em espaços próximos e encontra sentido nos elementos do cotidiano.

Por outro lado, Theodor Adorno na sua *Teoria Estética* indica que “os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes de sua forma” (ADORNO, 1970, p. 16). Reduzindo a arte ao fazer poético, pode-se interpretar ao poeta como um ser crítico que expressa suas observações do mundo por meio de versos. Além disso, Adorno expressa que o fazer artístico deve ser crítico e extensamente reflexivo, podendo provocar contradição devido à complexidade da percepção da realidade social e a essência da arte: “A sua essência social precisa de uma dupla reflexão sobre o seu ser-para-si e as suas relações à sociedade. O seu caráter ambíguo é manifesto em todas as suas aparições; mudam e contradizem-se a si mesmas” (ADORNO, 1970, p. 255).

Bem por isso, neste estudo sobre a complexidade na obra *Amazonas Pátria da Água* de Thiago de Mello, toma-se como base que o poeta se reconhece axiologicamente e converte sua percepção em poesia, o que explica Bakhtin: “o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento” (BAKHTIN, 1997).

A perspectiva conceitual de literatura que lidamos para o desenvolvimento desta análise – o discurso literário como fonte de conhecimento sociocultural, humanização e denúncia – tem no teórico brasileiro Antonio Candido seu principal suporte. Ele afirma, em primeiro lugar que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (CANDIDO, 1995, p. 177). O foco que o autor dá à literatura advém do fato de tomá-la como o autêntico manifestar da língua, tornando-se, portanto, num instrumento difusor de múltiplos saberes, de persuasões e de humanização. Assim exposto pelo autor:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a

aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 180).

Aqueles “traços essenciais” considerados por Antonio Candido, produto do processo humanizador da literatura, vêm acompanhados de abordagens transdisciplinares que instigam a uma ampliação dos limites de estudo na área literária. Sobre a função da literatura Antonio Candido expõe que:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: 1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 1995, p. 176).

Visto que, segundo Candido, a literatura está diretamente ligada à humanização, da qual destacamos a percepção da complexidade do mundo e dos seres, possível na criação e no acesso à literatura, assumimos a complexidade literária do tema sociocultural em *Amazonas Pátria da Água* como um elemento “humanizador” que instiga a reflexões diversas e expõe a necessidade da reflexão contínua e distanciada de rótulos, fora de catalogações simplificadoras.

1. AMAZONAS PÁTRIA DA ÁGUA

No livro *Amazonas Pátria da Água* (2002), reúnem-se quarenta e dois capítulos de poemas e prosa poética, vertentes distintas, contudo complementares, além de uma crônica chamada “Notícia da Visitação que Fiz no Verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus Barrancos”, composta por dezesseis partes, onde a Amazônia é protagonista e a experiência humana, princípio ativo.

A poesia a miúdo, mais concisa e contida, com um sentido de afinamento formal e misturada com prosa poética é mais evidente em: “A Fundação da Pátria da Água”, “Os Nomes do Mar Doce”, “Tudo Depende da Água”, “A Floresta não Sabe Falar” e “Solilóquio do Índio”. É esplêndida e extensa, particularmente em “A Chegada da Cruz e do Arcabuz”, “A Lição do Rio”, “Raça de Âmagos” e “Meditação do Filho

da Floresta”.

Trinta e quatro dos capítulos são exclusivamente em prosa poética, sendo esta exuberante e delirante. Cada um dos capítulos “é um manifesto em defesa da natureza e da Amazônia” (como indicado pelo Prof. Tenório Telles na orelha da obra).

Conforme já se orienta no prefácio, Thiago de Mello (2002) adverte que “devagarinho” a floresta amazônica está tomando o rumo do fim. A floresta precisa de cuidados: “cada ano que passa, milhares de quilômetros verdes desaparecem, para nunca mais voltar”. E denuncia que: “Se for esperar pelo Governo, a floresta estará com os seus dias contados, devastada, não pelo furor das motosserras, dos tratores e dos incêndios criminosos, mas pela fúria da má-fé, da incompetência e do descaso”. (MELLO, 2002, p.14).

E assim é o discurso do poeta, de que “nem tudo está perdido. Há muita gente vigilante, aqui e pelo mundo afora, enfrentando os inimigos da floresta, que jamais dormem e são cheios de olhos, torpes figuras do Apocalipse” (MELLO, 2002, p.14).

2. A COMPLEXIDADE EM AMAZONAS PÁTRIA DA ÁGUA

De acordo com Morin⁴ (2011) a complexidade (*complexus*: o que é tecido junto) é o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o mundo fenomênico. A complexidade se apresenta com os traços do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade e da incerteza. Segundo o autor, o pensamento complexo é aquele que tenta responder ao desafio da complexidade, e não o que constata a incapacidade de responder. O pensamento complexo deve enfrentar o enredado, a dependência recíproca dos fenômenos entre eles, a incerteza e a contradição, correspondendo à multiplicidade, ao entrelaçamento e à interação contínua da infinidade de sistemas e de fenômenos que compõem o mundo, as sociedades, a pessoa e todos os seres vivos.

Na análise de Amazonas Pátria da Água, revela-se o quanto os versos e pensamentos expressados em prosa poética por Thiago de Mello manifestam o que Edgar Morin afirma como necessidade de uma tomada de consciência radical por meio da complexidade do real. Sendo preciso olhar essa complexidade não como um conceito teórico e sim como um fato. Ela equivale à multiplicidade, ao encadeamento e à contínua interação dos infinitos sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural e as sociedades. O homem está inserido em sistemas complexos e dentro dele subsistem mais sistemas complexos. Bem por isso, Thiago de Mello no capítulo “A

Floresta Pede Amor e Ciência” mostra a necessidade da tomada de consciência para a proteção da floresta. Descreve a complexidade da Amazônia através do que ela está deixando de representar, por causa da exploração científica irresponsável:

A Amazônia já não é mais a região misteriosa de antigamente, um exótico celeiro de lendas. Não é a Manoa do lago Dourado, nem o país das Amazonas. Também já não se trata apenas do Paraíso, com a bem-aventurança da luz na poderosa quietude da selva. Nem do inferno, rubro do fogo das febres, de serpentes e peçonhas. A magia já se aconchega na mão da ciência. A ciência se enche de olhos para descobrir o sortilégio da esmeralda escondida (MELLO, 2002, p.85).

O autor admite “de muita ciência ainda se precisa”, mas, destaca que “É de consciência a nossa necessidade maior” e amor como expressa na sua percepção da Amazônia, menina triste:

Do alto da proa, fico olhando a menina sentada no barranco. Um brilho que me perturba cresce nos seus olhos, onde palpitam misturados a força e o desamparo. Uma espécie de esperança amedrontada. É o olhar da própria Amazônia, de alguém que sente precisão de amor (MELLO, 2002, p.86).

Morin (2011) rejeita o fato que a razão exclua os mitos e as crenças populares para as profundezas da mente, enquanto, por todo lado, erro, ignorância e cegueira progridem ao mesmo tempo que os novos conhecimentos. Para o autor a causa profunda do erro está no modo da organização de nosso saber num sistema de ideias que gerou uma nova ignorância ligada ao desenvolvimento da própria ciência, existindo assim, uma nova cegueira ligada ao uso degradado da razão. Assim, as ameaças mais graves em que incorre a humanidade estão ligadas ao progresso cego e incontrolado do conhecimento.

Coincidindo com o raciocínio Moriniano, Thiago de Mello organiza suas ideias sobre sua percepção da floresta amazônica, sem excluir o místico, relacionando as lendas e crenças populares instauradas nesta sociedade com sua mensagem de preservação. Por exemplo, no capítulo “Guardiães dos Verdes” o poeta descreve a forma de defesa da floresta “agredida e violentada”. Defende-se com seu calor úmido, com a flora que fecha caminhos, com os insetos transmissores de doenças, com suas feras. Mas, especialmente o autor expõe que se defende com “os poderes de encantamento dos lendários habitantes da selva”. Poderosos seres que protegem a floresta das más intensões humanas: “Os duendes mágicos da floresta, a *coruja rasga-mortalha*, a *matintaperera*, o *curupira*, o *mapinguari*, o *jurupari*, a *cobra grande*”. O poeta reflete: “Mas às vezes penso, ao considerar a ação dos malfeitores que destroem

a floresta, que os curupiras e os mapinguaris do Amazonas também se estão acabando". (MELLO, 2002, p.54).

Edgar Morin (1997) destaca a necessidade da reconexão dos conhecimentos, valorizando outras formas de saberes além do científico e do técnico, ele aponta para o saber poético, místico, irracional que deveria ser resgatado.

Já Thiago de Mello enaltece em toda a extensão da obra em análise a sabedoria, lendas e costumes populares dos habitantes do coração da Floresta Amazônica. Pessoas que no capítulo "A Convivência Solidária" são descritas pelo poeta, como:

(...) criaturas simples e humildes que constroem há centenas de anos a civilização da água, cujas leis e valores são tão diferentes das que marcam a vida atormentada dos grandes centros urbanos (...) seres que conhecem e amam a convivência solidária. Vivem numa sábia integração com a natureza, cujos rigores e virtudes condicionam sua maneira de viver. Tão harmonioso é o seu convívio com a natureza, que parecem confundir-se com ela (MELLO, 2002, p.78).

Ressalta que "É certo que vivem em condições precárias, conhecem duros períodos de miséria", mas, contudo "são capazes de amor" vivendo em permanente estado de solidariedade, o autor conclui que estes seres humanos "têm vocação de convivência fraterna. Embora não saibam soletrar a palavra Utopia" (MELLO, 2002, p.78).

Continuando com a exaltação dos saberes ancestrais, o autor narra poeticamente no capítulo "As Lindas Índias Guerreiras", seu encontro com a lenda das guerreiras *Amazonas*, estando no rio Nhamundá. Lugar onde "frei Gaspar Carvajal, cronista da viagem do espanhol Francisco Orellana, registrou a presença das lendárias índias que deram o nome ao rio", explica o poeta:

As crianças, os homens e as mulheres que hoje habitam este mágico pedaço do grande rio nunca leram os cronistas. Mas, todos aqueles com quem conversamos nos transmitem, inabalável, límpida, a certeza de que aqui viveram, aqui lutaram, aqui amaram as índias Amazonas (MELLO, 2002, p.21).

De uma conversa entre o poeta e nativos de Nhamundá, levada à beira de um lago o escritor transcreve:

- Desde quando tu ouviste falar nas Amazonas?
- Desde que sou gente. Eu digo que a gente já nasceu sabendo delas, das Icamiabas, que é o nome delas mesmo.

- O que é que o povo daqui fala?
- Fala tudo o que elas foram, toda a verdade. Só eram índias fêmeas (...) no 25 de dezembro traziam os índios para fazer o desejo delas, que era só uma vez por ano (MELLO, 2002, p.22).

Costuma-se dizer que uma das maneiras de um povo reafirmar sua identidade cultural é preservar suas tradições. Segundo Edgar Morin: “a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros” (MORIN, 2003, p. 75).

Na obra de Thiago de Mello, tendo em conta a valorização das crenças populares e a tradição oral no Amazonas, no capítulo “Às virtudes Milagrosas”, o poeta narra sua visita à casa de seus amigos índios Maués, os quais tem o costume de tomar guaraná em uma cuia que passam de mão em mão. O poeta relata que depois de ele tomar um “gole largo” devolveu o “sapó” à dona da casa e instantes depois se levantou, ato pelo qual foi repreendido: “–Você não pode sair do lugar antes de tomar o guaraná uma segunda vez. O guaraná não gosta, ele se zanga”. O poeta muito respeitosamente conclui seu relato: “O guaraná, para eles, continua a ser uma divindade. Nasceu dos olhos de um pequenino índio Maué, filho de Onhia-muacabê, segundo a lenda. A lenda, porque lenda é verdadeira” (MELLO, 2002, p.35).

Visto que o complexo é aquilo que se tece junto, para Edgar Morin (1998), existe uma relação complexa entre prosa e poesia, existindo um entrelaçamento contínuo entre elas. “De poesia-prosa está constituída a linguagem da nossa vida”. Segundo o autor o homem possui duas linguagens. Uma poética e a linguagem da prosa. As quais são definidas por Morin assim:

Pode-se chamar de prosa as atividades práticas, técnicas e materiais que são necessárias à existência. Pode-se chamar de poesia aquilo que nos coloca num estado segundo: primeiramente, a poesia em si mesma, depois a música, a dança, o gozo e, é claro, o amor (MORIN, 1998, p.59).

O sociólogo expõe que no mundo ocidental, a modernidade em algum momento quis impor o que ele chama de “hiper-prosa”, isto é, “um modo de vida monetarizado, compartimentado, cronometrado...” relegando a poesia para um universo secundário, pouco prático e de menor importância. Para equilibrar essa situação Morin propõe uma “hiper-poesia”, a qual tem como objetivo introduzir a poesia na vida, poetizando o conhecimento; incorporando noções tais como, assombro, maravilha, perplexidade, impredecibilidade, fantasmagoria.

A “hiper-poesia” proposta por Edgar Morin é contemplada em toda a obra *Amazonas Pátria da Água* de Thiago de Mello, já que esta criação possui as características expostas por Morin (1998). O livro de Thiago de Mello poetiza a vida cotidiana e os conhecimentos do universo natural da floresta. Em *Amazonas Pátria da Água*, os fios vão-se entrelaçando em prosa e poesia, a partir do rio e junto com ele se tecem experiências; aprendizados técnicos, científicos, morais, éticos, místicos; mensagens de preservação, amor, solidariedade, superação; denúncia contra a inconsciência, a indiferença, a contaminação, o desrespeito da vida.

No capítulo “A Fundação da Pátria da Água”, o escritor descreve em prosa poética a localização geográfica do rio Amazonas, sua origem, a importância da floresta. Adverte o temor da destruição, que a floresta esteja tomando o rumo do fim: “Pelo que já se conhece da vida na Amazônia, desde que o homem a habita ergue-se das funduras de suas águas e escorre dos altos centros de sua selva um terrível temor: o de que essa vida esteja devagarinho, tomando o rumo do fim” (MELLO, 2002, p. 16).

Essa mesma advertência é feita por Edgar Morin em toda a extensão de sua obra *Rumo ao Abismo?* A qual o sociólogo francês conclui mostrando os riscos imprevistos do futuro. Riscos que não são só negativos. Se a humanidade mudasse positivamente sua atitude toda essa incerteza também poderá “comportar capacidades criadoras, desenvolvimento da compreensão e da bondade, nova consciência humana” (MORIN, 2011a, p. 190). Do mesmo modo, Thiago de Mello conclui sua manifestação no capítulo “A Fundação da Pátria da Água” com poesia que faz o convite a ter “amor” na incerteza do futuro:

Vem comigo, é claro o tempo
e sopra o vento geral.
Vamos devagar, remando
Na água negra transparente,
tomando todo cuidado
para que a proa do casco
não vinque a fimbria da luz.
Vem comigo descobrir
as fontes verdes da vida.
Mas contigo traz amor
para com dor aprender (MELLO, 2002, p. 16).

Em “A complexidade sempre tem relação com o acaso” (MORIN, 2011, p.35), o sociólogo francês indica que a complexidade compreende incertezas,

indeterminações, fenômenos aleatórios. Coincide com uma parte de incerteza seja proveniente dos limites do entendimento, seja inscrita nos fenômenos.

A incerteza da relação homem, natureza e cultura é mostrada por Thiago de Mello, especialmente no capítulo “Pesca: Arte, Ciência e Magia”. O poeta indica que “De menino, o caboclo se inicia nos segredos da pesca, que tem muito de ciência, mas também muito de intuição. É sobretudo instinto, às vezes parece magia” (MELLO, 2002, p.59). O poeta reconhece e exalta a comunicação harmônica existente entre os homens da floresta e seu entorno. Essa linguagem que gera incerteza proveniente dos limites do entendimento e dos fenômenos é exposta pelo autor assim:

O pescador sabe quando o cardume de jaraqui vem subindo. Como é que ele sabe?
Nem ele próprio sabe direito como é que ele sabe. A gente sabe, me disse o Magá.
Olhou para o rio, ficou cismando e concluiu: “Eu acho que eles já vêm é avisando a gente que eles estão vindo. O pescador sabe” (MELLO, 2002, p.59).

Thiago de Mello interpela em todos seus versos a ambiguidade de luta, de resistência, de colaboração, de complementaridade que evidencia sua abordagem complexa da sociedade e da cultura da Amazônia. O poeta mostra o excesso de complexidade que desestrutura o convívio homem-natureza, já que quanto mais complexa uma organização, mais tolera a desordem. Porém, o poeta também, alenta a humanidade dizendo “nem tudo está perdido”. Ele oferece sua criação *Amazonas Pátria da Água* às pessoas que são suas “companheiras de vida e de esperança”, essas pessoas que são solidárias no melhoramento do mundo. Elas que como ele diz no prefácio são “gente vigilante, aqui e pelo mundo afora, enfrentando os inimigos da floresta” estas pessoas são para o autor: “A esperança e salvação da selva amazônica. Essas, sim, amam a Natureza, amam a vida. Elas ouvem os cânticos verdes da terra, sabem a linguagem dos pássaros, entendem os recados que chegam nas asas orvalhadas do vento” (MELLO, 2002, p.14).

O sociólogo Edgar Morin, do mesmo modo que o poeta Thiago de Mello, faz um chamado à verdadeira solidariedade. Morin (2011) explica que o incremento da complexidade no mundo é saudável sempre que seja guiado por uma verdadeira solidariedade:

No máximo, uma organização que só tivesse liberdades, e muito pouca ordem, se desintegraria a menos que houvesse em complemento a esta liberdade uma solidariedade profunda entre seus membros (...) Isto nos oferece um mundo de reflexões... Assim, a atomização de nossa sociedade requer novas solidariedades espontaneamente constituídas e não apenas impostas pela lei (MORIN, 2011, p.93).

No capítulo “A Lição do Rio” Thiago de Mello faz um convite a viver em harmonia, solidariedade e ter a mudança de consciência radical seguindo o exemplo do rio:

Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa
de servir de caminho
para a esperança.

E de lavar do límpido
a mágoa da mancha,
como o rio que leva, e lava.
Crescer para entregar
na distância calada
um poder de canção,
como o rio que decifra
o segredo do chão.

Se tempo é de descer,
reter o dom da força
sem deixar de seguir.
E até mesmo sumir
para, subterrâneo,
aprender a voltar
e cumprir, no seu curso,
o ofício de amar
Como o rio, aceitar
essas súbitas ondas
feitas de águas impuras
que afloram a escondida
verdade das fonduras.

Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes

do oceano sem fim.

Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.

Como um rio (MELLO, 2002, p.25).

Portanto, na obra *Amazonas Pátria da Água*, exemplifica-se o que Morin propôs como “hiper-poesia”. E a “hiper-poesia” de Thiago de Mello, por vezes, foge ao verso. Há reflexões que precisam ser gritadas e não caberiam nos limites de versos. Sobretudo tendo em conta a abordagem complexa da Amazônia feita pelo poeta, na qual se misturam protesto e denúncia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da obra *Amazonas Pátria da Água*, conclui-se que Thiago de Mello, tendo em conta a complexidade que envolve a Amazônia na sua obra, apresenta uma organização do conhecimento que reconhece a complexidade da realidade como propõe Edgar Morin. A situação social e ambiental no Amazonas assume, a partir do olhar do poeta, a reflexão sobre a racionalidade do mundo contemporâneo.

O poeta revela no seu livro aspectos da beleza e da magia natural, utilizando desde paisagens exuberantes da floresta, aos mais ínfimos pormenores do rio, dos animais, das plantas, além dos mitos, lendas, crenças populares, os costumes dos habitantes da floresta, as marcas da tradição oral dos ribeirinhos e sua própria experiência de vida, contemplando sua infância, sua família, amigos e seu ser cotidiano. O autor amazonense usa todos estes componentes da sociedade e da cultura amazônica como objeto de sua escrita, como ajuda na transmissão da mensagem, enquanto manifesto da necessidade de abrir os olhos, de agir, de tomar atitude contra a destruição causada pela própria humanidade e como fonte inspiradora.

NOTAS

¹ Mestranda em Letras - Estudos Literários, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.
E-mail: kia_morales@hotmail.com

² Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2002) e Doutorado em Sociedade Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: cassiambnascimento@gmail.com

³ Amadeu Thiago de Mello nasce na cidade de Barreirinha do Amazonas brasileiro, a 30 de março de 1926. Ainda criança, muda-se para capital, Manaus, onde iniciou seus primeiros

estudos no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e o segundo grau no Ginásio Pedro II. Completado os estudos preliminares, muda-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Faculdade Nacional de Medicina, curso que abandona para dedicar-se à profissão de poeta. Durante a década de 1950, colabora nos periódicos O Comício, veículo de oposição ao governo de Getúlio Vargas (1882 - 1954), e Folha da Manhã. Ao lado do poeta Geir Campos (1924 - 1999), funda a Editora Hipocampo, em 1951. Dirige o Departamento Cultural da Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, em 1959. No ano seguinte, assume o posto de adido cultural do Brasil na Bolívia e, posteriormente, em 1963, no exercício da mesma função, transfere-se para Santiago, Chile, onde conhece o poeta Pablo Neruda (1904 - 1973), de quem faz a tradução de uma antologia poética. É do Chile que toma ciência da eclosão da ditadura do Brasil, momento que interfere diretamente em sua poesia. Em 1965, publica *Faz Escuro Mas Eu Canto*, no qual se encontram os versos *Os Estatutos do Homem*. Seguidamente, publica *A Canção do Amor Armado*, 1966. Mora em Santiago por dez anos, período em que publica *Poesia Comprometida com a Minha e a Tua*, 1975. Retorna a Brasil em 1978 e, ao lado do cantor e compositor Sérgio Ricardo (1932), participa do show *Faz Escuro Mas Eu Canto* dirigido pelo cronista e dramaturgo Flávio Rangel (1934 - 1988) e apresentado em dez capitais brasileiras. Nesse mesmo ano, fixa-se no município de Barreirinha, onde até hoje se dedica à poesia, envolvendo-se com as comunidades ribeirinhas e com questões ligadas à preservação ecológica da região amazônica, sempre em viagens para participação em encontros de poetas, homenagens e ações políticas em defesa do homem e da Amazônia e difusão de sua poesia.

⁴ Edgar Morin, pseudônimo de Edgar Nahoum, nasceu em Paris, em 8 de julho de 1921, é um sociólogo e filósofo francês. Pesquisador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. É considerado um dos principais pensadores sobre a complexidade. Autor de mais de trinta livros, entre eles: *O método* (6 volumes), *Introdução ao pensamento complexo*, *Ciência com consciência* e *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da Resistência Francesa. É considerado um dos pensadores mais importantes do século XX e XXI.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BACHELARD. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CANDIDO, Antonio. *O Direito à Literatura. Vários Escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MELLO, Thiago de. *Amazonas Pátria da Água*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. *Amor, Poesia, Sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução Eliane Lisboa. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução Catarina Eleonor F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Rumo ao abismo?: Ensaio sobre o destino da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

